

**APRENDENDO COM O APRENDIZ: JORNAL ESCOLAR E EXPERIÊNCIA
COMUNICATIVA NA ESCOLA TÉCNICA DE SALVADOR (1944-1947)**

Fátima de Araújo Góes Santiago¹

Escola Técnica de Salvador. Bairro do Barbalho. Década de 1940. Período do Estado Novo. Uma jovem de 20 anos questiona o resultado de concurso em que foi aprovada em 2º lugar. O seu acompanhante, um cunhado, lhe diz:

— *Você vai sair daqui presa!*

— *Não vou sair presa nada, vou sair daqui com meus direitos respeitados.*

Esse povo não tá me respeitando, tinham carta marcada...



¹Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia-IFBA, *campus* Salvador, doutoranda da Faculdade de Educação da UFBA e membro do grupo de pesquisa HCEL – História da Cultura Corporal, Educação, Lazer.

Setenta anos depois, entrevisto uma senhora de 91 anos, em sua casa, no bairro da Pituba; perguntada se havia participação de alunos na escolha dos temas de um jornal escolar, ela nos responde:

— *Eu sempre reunia. Mesmo com quase... eu predominando no começo... — que eles não tinham hábito, né? Mas eu fazia pra educar democraticamente. Eu não resolvia as coisas. Eu fazia uma reunião com os redatores, os que mais escreviam, fazia uma reuniãozinha nesse horário alternativo, e aí dizia:*

— *Vamos ver... O calendário desse mês. Quais são as coisas que a gente vai comemorar esse mês?*

Aí, eles já vinham mais ou menos com as idéias: tal, tal, tal, tal... assim... isso assim....

— *Então vamos ver quais são as mais chegadas ao ensino proletário, à indústria, né? O que interessa mais à gente porque não é um jornal literário, é um jornal de indústria, de escola técnica.*

Aí eles mesmo levantavam, aí a gente fazia mais ou menos a relação das redações, o que que devia fazer.



É compreensível que a indignação da moça surpreendesse o cunhado, pois eles estavam num espaço público, regido pelas instâncias federais, em plena ditadura do Estado Novo (1943), contexto em que se enfrentava também a Segunda Guerra Mundial.

Observe-se que a forma de ingresso para trabalhar na Escola Técnica de Salvador não era apenas por concurso, mas também por meio do chamado “pistolão”. Professores não efetivos poderiam ser indicados pelo Diretor.² Entretanto, por mais polêmico que tenha sido o governo do presidente gaúcho, é consenso entre os estudiosos que, na chamada *Era Vargas* (1930 – 1945), o ensino profissional foi impulsionado. Com o desenvolvimento da indústria brasileira, houve a preocupação do governo com a criação de força de trabalho. Assim, a Escola de Aprendizes Artífices da Bahia passa a Liceu Industrial da Bahia em janeiro de 1937. Nesse ano foi oferecido pela primeira vez o curso de Tipografia que se agregou ao de Encadernação. Eram oferecidos ainda os cursos de Fundição, Serralheria, Mecânica, Carpintaria, Pintura, Gravura, Marcenaria, Alfaiataria e Artes do Couro. Com a Lei Orgânica do Ensino Industrial, instituída por meio do Decreto Lei nº 4073/42, pelo Presidente Getúlio Vargas, o ensino profissionalizante de então passou ao nível de Segundo Grau e houve a reforma do currículo com a criação de cursos técnicos, inclusão do desenho técnico nos ‘*cursos artesanais*’, além da criação de outras disciplinas de ‘*cultura técnica*’. A Lei é clara, o ensino industrial tem como finalidade preparar operários para o desenvolvimento da indústria brasileira.

Foi justamente nesse período, em que o Liceu Industrial da Bahia passou a Escola Técnica de Salvador, que a professora Joana Angélica Franco Vieira Ribeiro, conhecida carinhosamente por Dona Jane, ingressou no serviço público. Os trechos antes narrados foram extraídos de uma entrevista com ela realizada no dia 09 de agosto de 2014. A jovem e a senhora são a mesma personagem. O diretor da Instituição, naquele momento inicial, ao vê-la questionando seus direitos³, resolve contratá-la como Auxiliar de Biblioteconomia. Na ocasião não havia vaga para Orientador Educacional, embora o Art. 49º da Lei Orgânica instituisse essa função que deveria ser assumida pelos professores. Ao orientador educacional caberia, além de habilitar os alunos para “a solução dos próprios problemas”, a criação de instituições escolares:

² Cf. Decreto Lei nº 4073, de 30 de janeiro de 1942, com as alterações constantes nos decretos-lei 8680, de 15 de Janeiro de 1946, 9183, de 15 de Abril de 1946, 9898, de 22 de Julho de 1946 e na lei nº 28, de 15 de Fevereiro de 1947. In: LEGISLAÇÃO do Ensino Industrial. Salvador-Ba: Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Salvador, 1951, p. 22.

³ Segundo Dona Jane, a sua aula prática foi muito superior à do outro candidato. Apenas porque ela usou, num requerimento, o pronome vós, na terceira pessoa, abaixaram sua nota, para aprová-la em segundo lugar. O professor que ficou em 1º lugar e assumiu a vaga era ex-aluno da Escola e dos professores que fizeram parte da banca.

Art. 50º – Incumbe também à orientação educacional, nas escolas industriais e escolas técnicas, promover, com o auxílio da direção escolar, a organização e o desenvolvimento, entre os alunos, de instituições escolares, tais como as cooperativas, as **revistas e jornais, os clubes ou grêmios** [grifo meu], criando, na vida dessas instituições, num regime de autonomia, as condições favoráveis à educação social dos escolares. (*Ibidem*, p. 20-21).

O jornal *O APRENDIZ* ressurge na Escola Técnica de Salvador, em março de 1944, seguindo esses critérios: sob a coordenação de uma professora e com apoio da direção escolar, como um meio de socialização dos jovens. Ele reflete tanto em sua materialidade quanto em seu conteúdo, em textos verbais e visuais, marcas desse tempo. O periódico se constitui num “lugar de memória” na medida em que permite reconstituir fatos e circunstâncias de uma época. Inclusive as propostas de uso da mídia na sociedade e na escola que permanecem válidas em nosso tempo: a *dimensão meio de expressão*, fundamental para o exercício da cidadania, e a *dimensão ferramenta pedagógica*, uso das TICs, no caso, o jornal impresso, em situação de aprendizagem⁴.



O primeiro Projeto de Orientação Educacional da Bahia e sua idealizadora

A professora Jane tinha conhecimento teórico sobre biblioteconomia, adquirido em curso realizado em Salvador por recomendação de sua ex-professora e pedagoga Anfrísia Santiago, conhecida por seu caráter piedoso e atuação brilhante na educação da sociedade baiana. Mas a sua vocação foi sempre para o magistério. Ela se formou em 1939 pelo Instituto

⁴ Ver Maria Luiza BELLONI. *Mídia-Educação, contextos, histórias e interrogações*. São Paulo: Papyrus, 2012, p. 51. (Papyrus Educação).
Bordas. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.2, p. 94-107, 2016

Normal da Bahia, como aluna transferida do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de propriedade de Dona Anfrísia, que deixou de ministrar o ensino normal devido a desentendimento com o então ministro da educação Isaias Alves. Dona Jane confessou que se espelhava em Dona Anfrísia como educadora. Recém-formada, foi contratada por ela para ensinar no Curso de admissão para o ginásio, função que exerceu por 4 anos.

Mesmo tendo sido preterida para exercer o magistério na Escola Técnica, Dona Jane assumiu a função de bibliotecária e de coordenadora pedagógica nessa escola, no período de 1943 a 1947. Assim, ela criou e desenvolveu o primeiro Projeto de Orientação Educacional da Bahia ‘*como trabalho voluntário e de colaboração com o diretor da escola*’, que consistiu na articulação de três ações: a organização e ampliação do acervo bibliográfico, a retomada do jornal *O APRENDIZ* e a criação do *Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador*.

Possivelmente, foi com a professora Anfrísia que adquiriu a competência e a formação ética que lhe possibilitou desenvolver esse Projeto junto aos filhos do proletariado morador do bairro da Liberdade e do subúrbio ferroviário de Salvador, jovens negros, pobres de faixa etária entre 10 e 14 anos.

Como narrou Dona Jane, ela provocou uma “revolução” no ambiente escolar de então, pois a cultura existente era de que a Escola Técnica era “meio de vida” dos professores, “não era para os alunos”. O ensino, descontextualizado e distante do objetivo primordial da escola, voltava-se para o exame de admissão. Todavia, as aulas de português eram “péssimas”, muitos alunos não sabiam escrever. O novo diretor, o engenheiro civil Ericsson P. J. Cavalcanti, um homem “muito honesto”, com “visão nova de ensino”, que a contratou, tinha vindo do Rio de Janeiro justamente para reformar o ensino e os hábitos. Indicou novos professores e, com a colaboração de Dona Jane, reformulou o currículo, adequando-o ao objetivo da escola, isto é, à formação de operários qualificados. Daí, com “apoio total do Diretor”, a professora valorizou e qualificou os jovens, promovendo a prática da leitura, da escrita e da comunicação oral. Criou um ambiente cultural em que os jovens passaram a ler, sobretudo, narrativas infanto-juvenis, a frequentar a biblioteca e a participar de debates acerca das artes de ofícios, da literatura, da ciência etc. Atividades que eram registradas no jornal impresso na escola *O APRENDIZ*.

A professora iniciou a implementação do Projeto pela biblioteca, que se encontrava desativada. Com ajuda de um funcionário, classificou os livros, solicitou a compra de novos títulos e colocou o órgão em funcionamento, tanto para consultas quanto para empréstimos. Em consonância com a orientação do governo de que os ofícios e técnicas deveriam ser ensinados com base na ‘*execução prática*’ e nos conhecimentos teóricos, com a articulação entre ambos, Dona Jane valorizou o estudo das artes de ofícios ensinados na escola. Na *Bordas*. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.2, p. 94-107, 2016

ocasião, as disciplinas de cultura geral eram valorizadas em detrimento das disciplinas técnicas, a biblioteca contava apenas com livros de filosofia e literatura. Inclusive, ela assinala a existência de um velho preconceito que permanece na cultura brasileira, intensificando as diferenças sociais, a crença de que o trabalho intelectual é superior ao trabalho manual. Havia uma distinção de valor entre os professores das disciplinas propedêuticas e os mestres das artes de ofícios. Apenas os primeiros eram chamados de professores. Ela pôs abaixo esse preconceito, literalmente. Retirou o retrato dos “literatos” das salas de aula e colocou como patronos as personalidades ligadas à indústria e à ciência no Brasil e na Bahia: Visconde de Mauá, Santos Dumont, André Rebouças, Luiz Tarquínio, e outros. Ampliou o acervo bibliográfico com livros técnicos, passou a nomear os “mestres” também de “professores”.



Em seguida retomou as atividades do jornal escolar *O APRENDIZ* em colaboração, no início, com os professores de Artes Gráficas, Luiz O. Santos e Eduardo L. Rodrigues. Contou ainda com a colaboração esporádica, na ilustração do jornal, com a arte do famoso pintor baiano Presciliano Silva, professor de desenho da Escola. Na redação do jornal, tinha como colaboradora mais assídua a Profª. Mariêta Lobão Gumes, que redigiu alguns editoriais. Aos poucos ela foi conquistando a simpatia de todos, pois, como afirmou, “não tomava conhecimento das críticas não, enquanto eles me criticavam, eu elogiava, elogiava... não sabe? Puxava o saco de todo mundo. Aí ia conquistando aos pouquinhos”. Esses que a criticavam, professoras da elite baiana, da família Calmon, quando viram que todos estavam se envolvendo com o jornal, passaram a colaborar também.

Há indícios de que *O APRENDIZ* tenha iniciado seu ciclo de vida em 1935, alicerçado nos princípios do ‘*civismo, trabalho e perseverança*’⁵, na Escola de Aprendizes e Artífices da Bahia, daí advém seu nome. E de que circulou durante cinco anos, encerrando suas atividades depois desse período. Uma prova concreta que restou desse primeiro ciclo, foi relatada por Dona Jane em conversa preliminar, gravada em dezembro de 2011, em que ela afirma o encontro do cabeçalho do Jornal na oficina de impressão e tipografia, cabeçalho este que foi reaplicado na retomada de circulação d’*O APRENDIZ*, com a simples mudança do ano de circulação, ANO VI, e mês e ano a que se refere a edição: março de 1944.

Embora não conhecesse o trabalho precursor de Celéstin Freinet com a imprensa escolar, Dona Jane, assim como o pedagogo francês, usou a mídia impressa como instrumento de socialização e inserção dos jovens na escola do trabalho, onde eles aprendiam todo o processo de elaboração de um meio de comunicação, concretizado, ao término de certo tempo, na criação de um jornal. A impressão d’*O APRENDIZ* era executada pelos alunos dos cursos de Tipografia-Encadernação e Gravura. A composição era feita com tipos de metal, num trabalho artesanal quase perfeito. Encontrei pouquíssimos erros de impressão nas 26 edições que compõem a coleção em dois tomos, guardada por Dona Jane em sua casa por mais de 60 anos e doada ao IFBA, em 2009.

A participação dos alunos no jornal foi bastante significativa, embora os funcionários também escrevessem. Em seu 2º ciclo de vida, (mar. 1944 – mar. 1947), em torno de 200 jovens publicaram textos escritos por eles e corrigidos por Dona Jane e/ou pelos professores das disciplinas gerais. Eles se exprimiam inseridos em um contexto o mais educativo possível. É claro que não podiam falar de tudo nesse periódico, editado num “estado de exceção”. Temas como sexualidade, preconceito racial, repressão não eram abordados, muito menos críticas ao governo de Getúlio Vargas, pois, como afirmou Dona Jane, seu trabalho era inspecionado por funcionário do Ministério da Educação e Saúde, caso isso acontecesse, provavelmente o jornal seria vetado.

O APRENDIZ, editado mensalmente, religiosamente, durante os 4 anos de seu funcionamento, era lido pela comunidade interna e externa. Parte da edição mensal, impressa em papel *couché*, era encaminhada às autoridades ligadas ao ensino e à indústria e ainda às escolas técnicas do Brasil e aos colégios ginásiais de Salvador.

O que pode ser enunciado e visibilizado no “corpo” d’*O Aprendiz*? O jornal se constitui no suporte de ensino da moral republicana que, embora pautado em valores positivistas – científicos – permaneceu transmitindo os valores morais, na esfera da cidadania,

⁵ Cf. *O APRENDIZ*. Número. 1, março 44, p. 2.

Bordas. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.2, p. 94-107, 2016

“direitos e deveres” e também do religioso: *estímulo ao estudo, ao trabalho e ao fiel cumprimento do dever*, isto é, *Educar! Para DEUS, para a PATRIA, para a HUMANIDADE*, como assinala o texto de apresentação de sua plataforma.⁶

O conteúdo das matérias era definido a partir do tempo histórico do calendário – cívico e escolar. Vultos da história e datas festivas apareciam todo ano, no mês específico de comemoração: Castro Alves, 19 de Abril – aniversário do Presidente Getúlio Vargas⁷, Dia do trabalho, São João, 2 de Julho, Dia do Soldado/Duque de Caxias, a Independência, a Aviação Brasileira, a República etc. O assunto mais importante do mês era abordado no Editorial, publicado na capa ou na página 2, quase sempre de autoria dos professores ou da Redação.



Essa circularidade encontra-se ainda na coluna *O Aprendiz Social*, onde os ritos sociais emergem: aniversariantes de cada mês, nascimentos, casamentos, falecimentos, missas, afastamentos, viagens, agradecimentos, publicações recebidas e adquiridas e visitas à instituição. O periódico registra também as festas escolares, as atividades extraclasse, as

⁶ Ibidem, p. 2.

⁷ O nome do presidente Getúlio Vargas deixa de ser mencionado no jornal a partir de 1946. Depois que ele é deposto. Antes disso, os textos, escritos pela Redação do jornal e por um aluno são todos em louvor do “pai dos pobres”, “salvador da pátria” brasileira.

mudanças promovidas no ensino, o movimento mensal do gabinete médico-odontológico e da Biblioteca, impressões dos leitores, os campeonatos de basquetebol e futebol, as reuniões do Círculo de Estudos, os ofícios, as invenções e seus inventores, as riquezas naturais do Brasil etc.

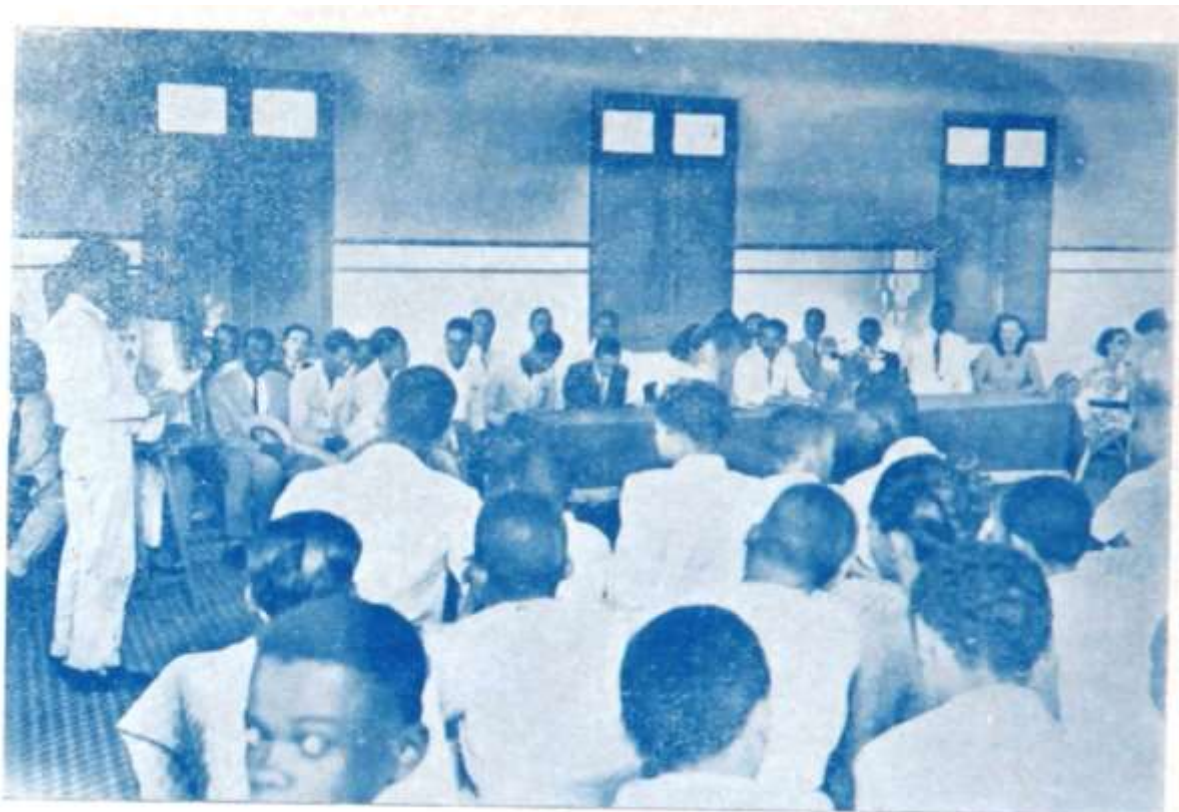
Com a Criação do Círculo de Estudos da Escola Técnica, em março de 1946, cresce o número de textos de autoria dos estudantes. As matérias publicadas passam a ser as palestras proferidas pelos alunos e professores nessa espécie de grêmio estudantil, que era composto de presidente, secretário geral, diretor artístico, diretor de esportes, crítico literário, orador oficial e de concelho (*sic.*) redacional. Todos da categoria estudantil. Nos encontros quinzenais do Círculo, os alunos expunham os diversos trabalhos desenvolvidos nas oficinas e salas de aula. As reuniões contavam ainda com apresentações artísticas de canto orfeônico, peças teatrais, recital de poemas etc. pelos alunos e professores e, algumas vezes, com a participação de artistas convidados, a exemplo da declamadora Zoraide Aranha, que, na sessão do dia 24 de maio de 1946, em homenagem ao poeta Catulo da Paixão Cearense, proferiu palestra sobre a “Arte Declamatória, recitando, em seguida, três belíssimas poesias de autores brasileiros”.

Os Aprendizes e *O APRENDIZ*

O que movia os estudantes a participarem dessas atividades? O fato de elas acontecerem fora de sala de aula, em um espaço menos formal? O modo de mediação da professora-editora na produção do conhecimento? O fato de poderem comunicar experiências – conceito aqui empregado no sentido filosófico, *aquilo que nos acontece, nos toca*⁸. Creio que sim, sobretudo, a forma como a professora Jane utilizou a comunicação dialógica no processo educativo, escutando os jovens com atenção amorosa, valorizando o que escreviam, sem discriminá-los. Ela desenvolveu a “dimensão da sedução” tão necessária para o despertar da vontade de aprender e comunicar experiências. As imagens da mídia que os alunos apresentam, nos textos sobre *O APRENDIZ*, são sempre positivas. Vejamos:

⁸ Cf. J. LAROSSA. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Bordas. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.2, p. 94-107, 2016

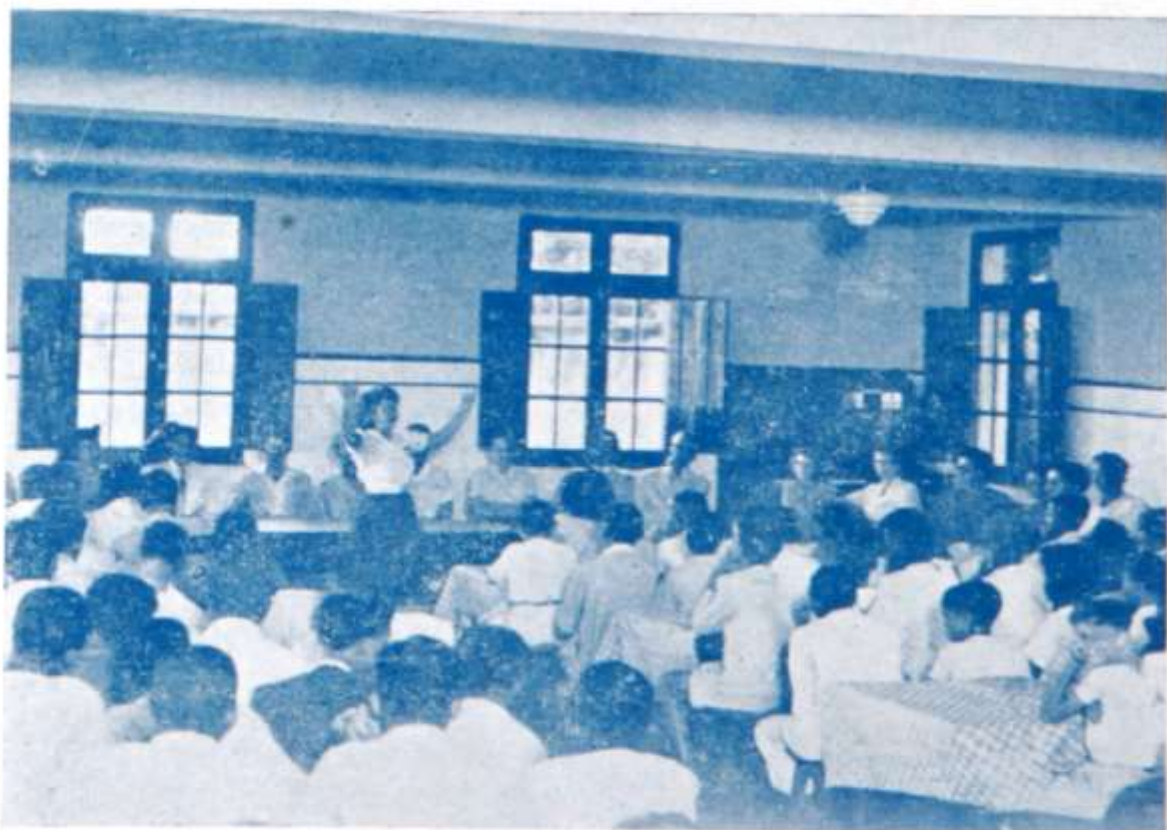


Este jornal, como você sabe, foi criado para distrair instruindo, despertando em alguns e cultivando em muitos o amor às letras. Nêle serão publicados fatos históricos, biografias, descrições, impressões, contos, etc. Em segundo lugar tenho a dizer-te que todos nos sentimos bastante satisfeitos com o reaparecimento do nosso jornal e estamos prontos a colaborar para o engrandecimento do mesmo. (Francisco Cirilo – 3ª série)

Com tão pouco tempo que frequento as aulas, junto aos bons mestres e queridos colegas, recebendo a verdadeira educação, sinto-me tão feliz e contente, que não quero deixar de lêr, um só mês, êste querido jornal, denominado “O Aprendiz”. (José França – 1ª série C)

O jornal “O APRENDIZ” foi feito para os alunos lêrem (*sic*) o que os colegas escrevem. Êste (*sic*) jornal é para falar sobre tudo: homens ilustres, escrever cartas aos colegas, fazer bilhetinhos, contar anedotas; tudo isso se escreve no “O APRENDIZ”. [...]. Gostei muito do jornalzinho, é muito bom porque conta muitos casos que nos agradam. **Acho porém que os professores não têm o direito de**

escrever pelo aluno [grifo meu]. Alí tudo deve ser nosso. (Josete Teles da Rocha, 1ª série F)



A genial artista ZORAIDE ARANHA declamando para os associados do C. E. E. T. S.

Percebemos, porém, no texto grifado acima, que o enunciador se contrapõe à participação dos professores na escrita do jornal. Para ele, o jornal, como *Órgão dos Alunos*, deveria ser escrito apenas por estes. Ele se refere também à presença de “anedotas”, gênero textual que encontramos inicialmente preenchendo os espaços vazios, mas que cresce a ponto de ganhar a seção: “Vamos rir?”. Ela é um convite à desconstrução do discurso moral instituído. Outro contraponto a esse discurso é a presença do lazer por meio da “Seção do Charadista”. Estes exemplos mostram que *O APRENDIZ* se constitui a partir de um embate de vozes, que ora se aproximam, se contrapõem ou se distanciam, formando a cultura escolar, pois há sempre quem se rebele contra a ordem instituída.

Referências

BELLONI, Maria Luiz. **Mídia-Educação, contextos, histórias e interrogações**. São Paulo: Papirus, 2012.

ESCOLA TÉCNICA DE SALVADOR. **Jornal O Aprendiz**. Salvador, 1944 – 1947.

Bordas. Revista do Centro de Estudos da Oralidade, n.2, p. 94-107, 2016

UM TIPÓGRAFO QUE SE FEZ GRANDE HOMIEM

Convidado para falar nesta reunião do nosso Oratório, escolhi como tema a vida de um dos maiores escritores brasileiros — MACHADO DE ASSIS — cuja origem modesta e digna de ser evocada dá entre nós, aflies de que sirva como exemplo para todos que desejam se tornar grandes homens.

Nascou JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS, no dia 21 de junho de 1829, no Rio de Janeiro. Viveu sob influência de criação pobre, no Bairro de Lixarozinho onde moravam seus pais — " seu " Chão — o pintor e D. Maria Leopoldina — la-cadira.

De ele nasceu era pouco JOAQUIM MARIA uma criança de inteligência viva e bom coração.

Todas as manhãs, logo cedo, antes de ir para o Colégio, deixava o menino afofo de comprar para sua mãe doces em pontos de alvarado.

Mais tarde, desceio-n moramente para ir ao Colégio onde estudou as primeiras letras.

Logo depois foi sacristão e, mooyes-

do sua mãe, não passou o humilde mo-nino a ser aprendiz de tipógrafo e mais tarde, revisor de provas da imprensa nacional, quando escreveu o seu primeiro livro, no idade de 22 anos.

Mais dos primeiros ensinamentos



MACHADO DE ASSIS
(Cortez de Pinheiro Silva)

que recebeu tudo mais que aprendeu foi por seu próprio esforço e vontade.

Durante a sua vida foi acido funcio-nário do secretaría de Agricultura e do Ministério de Viação e Obras Públicas onde, mais tarde, foi director. Exercou cargo de alta importância na Directoria do Comércio e culminou a sua carreira como presidente da Academia Brasileira de Letras.

Com ele a literatura brasileira atingiu um grande desenvolvimento pois os seus romances são considerados como os melhores dentro da romances brasileira. Seus obras foram traduzidas e adaptadas por todos, destacando-se dentre elas: "Cristóvão", "Falema", "Quincas Borba", "Dom Casuarino", "Americanas", "Essa e Jacob", "Resurreição", "Memórias póstumas de Brás Cubas" e especialmente o notável romance "Memorial de Aires".

Além do romancista, contista e teatrólogo foi também MACHADO DE ASSIS poeta de grande valor.

Dele é este maravilhoso soneto feito por ocasião da morte de sua esposa, D. Carolina Machado de Assis.

A CAROLINA

Deixada, ao pé do leito derradeiro em que dobrasas deana longa vida, aqui ventu e vici, pobre querida, trazer te o coração do compadreiro

Pela-me aperte afeto viciadinho que, a despeito de tudo a humana vida, fez a minha existência operoso e sem recanto por um mundo inteiro.

Com o desaparecimento de sua mulher, a vida de MACHADO DE ASSIS passou a ser muito triste e ao voltar para do Rio após faleceu no Rio de Janeiro, no dia 30 de setembro de 1908. Sua vida por fim a

nos lembrança nos corações de todos os brasileiros.

Esta foi pois, caros evadidos, a vida de um tipógrafo que se tornou grande ho-mem.

Trago-te flores, — restos arrancados da terra que nos viu passar anidos e ora mortos nos deito e separados.

Que es, se tanto, nos olhos mal feridos pensamentos de vida formulados, são pensamentos ídolo e vividos.

Glorificamos portanto este grande vulto que foi, sem dúvida, a maior gloria das letras nacionais.

Gilmore Valdes Leal
3º Série

Obras consultadas:

TESOLDO DA JUVENTUDE — vol. XI — MACHADO DE ASSIS — O homem e a obra — Mário Mattos — O MENDO DO MOBBO — Crônica de Bumbum de Campos